



DOSSIÊ: CIGANOS NO BRASIL: RELAÇÕES ENTRE CONTINUIDADE, MUDANÇA E DIFERENÇA

Ciganos ocidentais: diversidade interna e aproximações transnacionais entre calós ibéricos e calons sulamericanos

Gitanos occidentales: diversidad interna y aproximaciones transnacionales entre los calós ibéricos y los calons sudamericanos

Western Romanies: internal diversity and transnational links among Iberian Calós and South American Calons

Marcos Toyansk

Guimarães¹

orcid.org/0000-0003-4122-8231
mtoyansk@gmail.com

Jucelho Cruz²

orcid.org/0000-0001-9281-6477
jucelho@uefs.br

Javier Jimenez-Royo³

orcid.org/0000-0002-0402-4427
javierjroyo@gmail.com

Recebido: 15 abr. 2022.

Aprovado: 7 mar.2023.

Publicado: 06 nov.2023.

Resumo: Neste artigo, buscamos apresentar a minoria étnica dispersa pelas Américas e Europa conhecida como calon/caló e analisar alguns aspectos culturais, organizacionais e identitários. Adentramos em uma análise comparativa entre os ciganos calons da Espanha e do Brasil, a fim de apresentar uma visão geral desta ramificação romani, a diversidade interna, os critérios de pertencimento e o desenvolvimento das relações entre coétnicos, buscando compreender as tendências de aproximação e consolidação.

Palavras-chave: Calon. Caló. Ciganos ocidentais. Processos identitários.

Resumen: En este artículo buscamos presentar a una minoria étnica dispersa por América y Europa, conocida como calon/caló, y analizar algunos de sus aspectos culturales, organizativos e identitarios. Nos adentramos en un análisis comparativo entre los gitanos calons de España y de Brasil con el fin de presentar una visión general de esta ramificación romani, su diversidad interna, los criterios de pertenencia y el desarrollo de las relaciones interétnicas, buscando comprender las tendencias de aproximación y consolidación.

Palabras clave: Calón. Caló. Gitanos occidentales. Procesos identitarios.

Abstract: In this article we introduce the ethnic minority scattered throughout the Americas and Europe referred to as "calon/caló" while analyzing some cultural, organizational and identity aspects. Then, we proceed a comparison between the calons of Spain and Brazil, in order to present an overview of this romani group, its internal diversity, the criteria of belonging and the development of relations between co-ethnics, trying to comprehend the trends of approximation and consolidation.

Keywords: Calón. Caló. Western Romanies. Identity processes.

Apresentação

O povo romani (cigano), apesar de estar presente em quase todas as partes do mundo, principalmente nas Américas e Europa, ainda é pouco conhecido pela sociedade brasileira em geral, sobretudo enquanto um grupo étnico difuso que formaria uma comunidade intergrupala. O senso comum dos não ciganos traz os ciganos como conjuntos de pessoas ou famílias homogêneas, identificadas por características próprias e com pouca diferenciação entre seus membros. Essa designação genérica,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Serviço Social do Comércio (Sesc), São Paulo, SP, Brasil.

² Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), Feira de Santana, BA, Brasil.

³ El Colegio de la Frontera Norte (El Colef), Tijuana, Baja California, México.

superficial, tem contribuído sobremaneira para a manutenção dos estereótipos criados em torno dessa população. A sociedade mais ampla não consegue visualizar adequadamente as diferenças e a diversidade interna dos ciganos, enquadrando-os como semelhantes em seu imaginário, um paralelo que atinge, de maneira aproximada, a outros grupos "exóticos", como os indígenas brasileiros. Cruz e Cruz (2019a) salientam que isso implica no silenciamento de toda uma complexidade cultural que precisa ser considerada ao realizar uma abordagem crítica sobre os ciganos.

Os ciganos, apesar de supostamente possuírem a mesma origem geográfica, a Índia,⁴ são constituídos por grupos diferentes, uma vez que apresentam similaridades culturais, mas também diferenças entre si. Apesar da grande diversidade representada por muitos grupos e subgrupos – como romanichel, ludar, domari e ashkali, por exemplo –, os três principais grupos referidos no Brasil que compõem o universo cigano são os roma, os sinti e os calons (Andrade Júnior 2013) que, muitas vezes, falam o romani, o sintô e o caló (chibe), respectivamente.

Este artigo é uma tentativa de trazer uma visão geral dos ciganos ibéricos, chamados de calons/calós, e suas ramificações nas Américas. Assim como há uma grande diversidade entre os ciganos no mundo, encontramos também diversidade e segmentação no interior do grupo. Os ciganos calons, chamados também de gitanos, calós, flamencos ou ciganos, encontram-se dispersos, principalmente, nos países ibéricos, França e América Latina, além de pequenos grupos em outros países. A chegada dos ciganos à Espanha costuma ser datada do ano de 1425 (Sánchez Ortega 1994), coincidindo com as primeiras notícias em terras ibéricas desse "estranho grupo" aos olhos dos europeus. No Brasil, os calons começaram a chegar logo no século 16 (Andrade Júnior 2013). Esse distanciamento no tempo e espaço entre os ciganos calons dos dois lados do Atlântico resultou em diferenças culturais, incluindo a preservação e adaptações

linguísticas e as estratégias de acomodação nas respectivas sociedades em que vivem.

A falta de consenso sobre o termo para designar todos os ciganos indica também a diversidade e a falta de coesão entre os diferentes e dispersos grupos. Os ciganos são internamente segmentados e vivem em diferentes países com ambientes políticos e sociais distintos. A questão da estrutura interna da(s) comunidade(s) cigana(s) é complexa e implica em compreender os grandes grupos, subgrupos e metagrupos com suas próprias especificidades, contornos étnicos e características culturais, constituindo um tipo específico de comunidade, uma "comunidade étnica intergrupala" (Popov e Marushiakova 2004, 146).

Marushiakova e Popov (2004, 147) destacam os processos em diferentes direções, velocidade e frequência que podem ser reduzidos a duas tendências contraditórias e correlatas: segmentação e consolidação, afirmando:

Por um lado, ocorre um processo de segmentação do grupo em subgrupos separados, formados de acordo com fatores territoriais ou familiares. Por outro lado, as divisões separadas em subgrupos se consolidam gradualmente em um único grupo, ou grupos separados se consolidam em uma comunidade metagrupal. Em ambos os casos, as recém-formadas comunidades gradualmente aceitam as dimensões de um novo e único grupo.

Ao longo desse artigo, vamos considerar esses processos para tentar avançar um pouco na compreensão desta vertente identitária cigana e suas variações, além do desenvolvimento dos contatos entre os subgrupos, focalizando no Brasil e na Espanha.

Considerações metodológicas e epistemológicas

Muitos dos argumentos e das informações apresentadas neste artigo baseiam-se em experiências familiares e pessoais dos autores entrelaçadas com trabalhos de campo, como

⁴ O movimento político romani adota a Índia como terra ancestral dos ciganos, embora existam outras teorias que conectam esses indivíduos a outras localidades, como Egito, Israel e Grécia.

observação participante e entrevistas realizadas com ciganos, bem como pastores e missionários não ciganos. Apresentamos exemplos de experiências empíricas na Espanha, Brasil e Argentina dos autores deste trabalho.

Antes de iniciar, convém, contudo, esclarecer algumas questões terminológicas para facilitar a compreensão do texto. Utilizamos os termos *calon*, *caló*, *gitano* e *cigano* de maneira intercambiada, buscando aproximar o termo ao utilizado pelos próprios membros nos contextos em que estão inseridos e descritos. Os termos *payo*, *gadje* e *juron* são utilizados para designar os não ciganos e aparecem de acordo com o praticado pelos ciganos em cada localidade. Outros esclarecimentos epistemológicos e metodológicos também se tornam necessários.

Em primeiro lugar, uma vez que este texto surge do esforço de conciliar três experiências de pesquisa sobre as ciganidades, pode-se dizer que, embora com pretensões de contraste, está mais próximo de uma etnografia multissituada do que de uma comparação propriamente dita. Da mesma forma, a comparação está implícita de uma forma mais evidente na prática multissituada (Marcus 2001, 115). A visão geral que queremos representar aponta menos para a própria generalização científica do que para o esforço que implica em ajustar as complexidades das realidades sociais dos ciganos no Brasil, Argentina e Espanha em um texto que deve se adaptar a critérios editoriais. Também não ignoramos que esta visão geral sofre inúmeras reduções, mas isso será inevitável, a menos que um texto sobre a vida social dos grupos ciganos se confunda com a vida dos próprios ciganos. Por fim, e dado que o recorte adotado pode sugerir, esta visão geral não pretende reduzir a alteridade, por mais difícil que seja o esforço, pois, de outro modo, implicaria em distorções.

Em segundo lugar, acreditamos que é interessante mostrar que relação temos ou tivemos com o tema que desenvolvemos nestas páginas, como um exercício de reflexividade.

O primeiro autor, Marcos Toyansk Guimarães, nasceu na região sudeste do Brasil, para onde

foram muitos imigrantes de diversos países europeus nos séculos 19 e 20. Provém de família cigana pelo lado paterno, cujos bisavós nasceram nos países ibéricos, e de família judaico-balcânica do lado materno. A experiência pessoal coaduna-se com as etnografias realizadas desde 2008 com diferentes grupos ciganos no Brasil e na Europa, momento em que iniciou sua pesquisa de doutoramento sobre o movimento transnacional romani.

O segundo autor, Jucelmo Dantas da Cruz, é cigano da etnia *calon*, mestre em Ciências Agrárias e doutor em Ciências Biológicas (Zoologia). Acumula uma vasta experiência enquanto professor e pesquisador e, pela sua vivência entre os ciganos do Estado da Bahia, inclusive com mais de 20 anos como nômade e vivendo em numerosos acampamentos. Estas experiências acumuladas atribuem ao autor expertise na temática de sua etnia e o qualifica como um intelectual orgânico de seu povo.

O terceiro autor, Javier Jiménez-Royo, nasceu no sul da Espanha, em Jerez de la Frontera, um lugar onde casamentos mistos ocorrem há pelo menos 100 anos. Descende desses matrimônios e, na prática social, enquadra-se no localmente conhecido como *entreveraos*. É doutor em Antropologia Social e doutorou-se graças ao seu trabalho de campo etnográfico entre ciganos pentecostais no Sul da Espanha e na Argentina, realizado entre 2013 e 2016. A maioria dos dados foi produzida por meio de metodologia qualitativa, especificamente, por meio de observações participantes, nas quais alguns diálogos foram reveladores, e entrevistas – que se tornaram menos estruturadas com o passar do tempo.

Autoimagens

Minorias em seus respectivos países

Como participantes das sociedades onde nasceram e vivem, os ciganos *calons* convivem com um duplo pertencer e desenvolvem, primordialmente, estratégias de inserção e negociação nos contextos nacionais.

Em termos quantitativos, os ciganos consti-

tuem pequenas parcelas das populações dos países onde vivem. Em relação à Espanha encontramos vários números. A Comissão Europeia,⁵ em um documento de trabalho publicado em 2019, coloca o número de ciganos espanhóis em 750 mil pessoas, aproximadamente 1,6% da população total, sendo assim o país "com a maior *comunidade*."⁶ Da mesma forma, no Brasil, a inexistência de um censo envolvendo a identificação étnica dos ciganos tem dificultado a definição mais precisa do número de indivíduos pertencentes a essa etnia. As estimativas sofrem variações, mas comumente cita-se entre 600 mil e um milhão de ciganos no Brasil, dos quais os calons seriam mais numerosos.

Nesta mesma perspectiva, é possível identificar algumas exceções onde os ciganos se alinham com os valores liberais, tornando-os uma minoria quase estritamente numérica. Existem localidades, especialmente no Sul da Espanha, onde as relações interétnicas são fluidas e não são raros os matrimônios mistos. Municípios com estas características encontram-se sobretudo nas províncias andaluzas de Cádiz e Sevilha, tendo Jerez de la Frontera (Cádiz) como paradigma (Cantón-Delgado et al. 2004; Cantón-Delgado y Jiménez-Royo 2014; Jiménez-Royo 2018). Essas exceções ressoam com frequência entre os ciganos que participam de círculos de ativismo cigano.

No Brasil, os ciganos calons, também conhecidos como ciganos de burro ou ciganos tropeiros, constituem os pioneiros na ocupação deste território. As duras retaliações impostas pelo poder público e pela sociedade majoritária os tornaram estrangeiros em seu próprio país, redundando em um isolamento social que não lhes permitia a permanência e a profissionalização dos adultos e adolescentes em trabalhos considerados estáveis e de maior *status* social. As dificuldades de fixação ou sedentarização refletiam-se nas pouquíssimas oportunidades de interação social com os não ciganos e a inexistência de políticas

públicas, como saúde familiar nos assentamentos, segurança e educação para os jovens. Essas restrições sociais, por outro lado, reforçaram os elos dos ciganos entre si, pois tiveram de lutar contra todo um sistema excludente, que por seu modo de ser, era bem maior que suas forças.

Até a década de 1990, os calons aceitavam sem muitas contestações as imposições das autoridades locais e/ou da sociedade não cigana. Preferiam não se expor à sanha punitiva das autoridades policiais. A transformação desta realidade começou quando o comércio de animais de carga declinou por conta da transferência desse meio de transporte para as máquinas e veículos, que transportavam grandes quantidades de mercadorias para as cidades. Esgotado este contexto, os ciganos mudaram sua prática econômica para o comércio automobilístico, imobiliário e empréstimo de dinheiro a juros, o que forçou de alguma maneira o processo de sedentarização e, conseqüentemente, a frequência das crianças em escolas, aumentando, por conseguinte, a interação social com não ciganos.

O reconhecimento dos ciganos como parte da sociedade brasileira é muito recente. Somente em 2006, com a criação do Dia Nacional dos Ciganos e a sua inclusão entre os Povos e Comunidades Tradicionais (PCT) (Decreto n.º 8.750, de 9 de maio de 2016), os grupos étnicos começaram a interagir de forma mais efetiva entre si e com outros setores dos PCT e da sociedade. Essa aproximação com a estrutura burocrática do estado, com um forte viés de representatividade e valorização cultural em seu bojo, despertou o sentimento de autodefesa e o ativismo político mais consistente dos ciganos.

Apesar da experiência de ostensiva opressão, a vida dos calons brasileiros não se resume a uma resposta à ação do Estado. Ao mesmo tempo em que há a tentativa de inserção nas estruturas sociais existentes da sociedade não cigana, por meio do ativismo que busca principalmente a integração, há outras formas de organização

⁵ Comisión Europea. 2019. *Documento de trabajo de los servicios de la comisión. Informe sobre España 2019, con un examen exhaustivo en lo que respecta a la prevención y la corrección de los desequilibrios macroeconómicos*. Bruxelas: Comisión Europea. Acessado em 17 jan. 2022. https://ec.europa.eu/info/sites/default/files/file_import/2019-european-semester-country-report-spain_es.pdf.

⁶ A construção dos ciganos ou ciganos como uma "comunidade" é uma prática comum entre os setores políticos, como já antecipamos.

como resultado da criatividade dos ciganos para além das estruturas estatais, como produção da diferença e reafirmação criativa dela. Mesmo no caso do ativismo cigano, observa-se que há perspectivas diversas com relação à integração, proteção e reafirmação identitária, além da relação ao diálogo que se pretende manter com o Estado e o que se pretende negociar. Isso reflete, em parte, a noção adotada pelos próprios ativistas, seja como minoria nacional, membros de uma nação global ou como um grupo transnacional com duplo pertencer.

Ciganos, gitanos, calós, calons como um povo transnacional

Embora os ciganos calós constituam um dos principais grupos ciganos, as conexões intra e, principalmente, interestatais entre os calons são, muitas vezes, bastante esparsas. Grosso modo, há pouco conhecimento entre calons de diferentes países. Os ciganos portugueses no Brasil, por exemplo, que possuem um estilo de vida transnacional, mantido pela circulação entre os dois países, guardam pouca identificação com os calons brasileiros e as relações entre eles são praticamente inexistentes.⁷

Os calós residentes na província e na capital argentina reconhecem sua origem espanhola e, nesse sentido, há certo consenso na datação das primeiras chegadas. A chegada dos calós da província remontaria ao final do século 19, enquanto os primeiros ciganos espanhóis se instalaram em torno da Plaza del Congreso ocorreu aproximadamente nas décadas de 1950 e 1960 do século 20 (Pacheco 2009, 28; Jiménez-Royo 2018, 270; Buhigas Jiménez 2021, 127).⁸ Ambos continuam a ter contatos com familiares na Espanha, embora as viagens à Península Ibérica sejam mais frequentes entre os congressistas. Alguns dos calós que hoje residem na área central da capital argentina vieram diretamente da Espanha,

embora outros tenham residido temporariamente na Venezuela ou no México (Pacheco 2009, 22; Jiménez-Royo 2018, 271).

Parece que esses movimentos migratórios nem sempre são unidirecionais. Lagunas Arias (2014, 73) escreve a partir de seu trabalho de campo entre calós de origem espanhola em um bairro central da Cidade do México, onde residiriam aproximadamente 150 ciganos: "A comunidade local foi formada há aproximadamente 30 anos, tendo seus membros fundadores passado anteriormente por países como Brasil, Venezuela e Argentina".

Na perspectiva do povo calon brasileiro, o mundo resumia-se aos seus ranchos, às suas famílias e aos outros ciganos que conheciam, geralmente no mesmo estado e com os quais mantinham uma relação de proximidade. Para a maioria desse extenso número de famílias, os demais grupos estavam distantes pelos seus diferentes estilos de vida, de comércio e de traços culturais. Talvez a única conexão existente com ciganos de outros países revelava-se pelo sentimento compartilhado de suas origens, quando majoritariamente afirmam possuírem ascendência egípcia. Paralelamente, os roma seriam, no imaginário calon, os ciganos turcos. Cabe destacar, contudo, que as ilações compartilhadas pelo grupo calon não guardavam lastro com noções geográficas, eles não sabiam exatamente onde se localizava o "Egito cigano", tampouco a "Turquia cigana". Neste diapasão, não seria de se esperar que os ciganos calon tivessem o conhecimento dos eventos históricos de perseguição e genocídio de ciganos, tal qual o Holocausto e os diversos expurgos em países da Europa.

Talvez a única conexão transnacional seja estruturada pelo movimento pentecostal, que, para além de facilitar os contatos transfronteiriços, sustenta, por vezes, um discurso unificador, mas que não se restringe aos ciganos ibéricos e sul-

⁷ Entrevistas e observação participante realizadas em São Paulo nos anos de 2014, 2015 e 2016.

⁸ Patricia Galletti (2019) identifica dois períodos para enquadrar os movimentos relevantes de ciganos da Espanha para a Argentina, o primeiro, no final do século 19 e respondendo às políticas migratórias argentinas; a segunda, do primeiro regime de Franco (1939-1959). *Límites y posibilidades de una identidad glocal: los gitanos españoles exiliados del franquismo en Argentina. Conocimiento glocal*. Acessado em 17 jan. 2022. <https://bityli.com/oZLzDJ>. Em outro texto, a mesma antropóloga cita o historiador Torre Ravello para constatar a existência de referências relativas à presença de ciganos em Buenos Aires em 1774 (Galletti 2021, 117).

-americanos, mas a todos os ciganos do mundo.

Parte de uma nação global romani

Algumas ideias políticas surgiram na Europa com o objetivo de unir as segmentadas e dispersas comunidades ciganas a fim de criar uma comunidade global com símbolos e objetivos coletivos. Marcada por uma aspiração à autodeterminação, essa tendência é representada pela noção de nação global romani que tem suas raízes nas tentativas frustradas de uma família cigana da Polônia para estabelecer um Estado cigano nas décadas de 1920 e 1930. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, várias organizações ciganas surgiram na Europa com o objetivo de estabelecer um movimento global que deveria ser representado por membros de diferentes grupos ciganos. Esse novo conceito internacionalizado de autodeterminação busca a unificação da comunidade global romani, tentando unir os ciganos em todo o mundo, adotando alguns símbolos, como uma bandeira, um hino e a narrativa de que os ciganos formariam uma diáspora transnacional de origem indiana (Popov e Marushiakova, 2005).

As duas estruturas transversais e transnacionais mais importantes, as associações seculares ciganas e o pentecostalismo evangélico, absorveram diferentes narrativas diaspóricas. À essa narrativa diaspórica desenvolvida pelo ativismo romani, somou-se a narrativa de origem dos ciganos pentecostais que enfatizam a unidade dos ciganos e alguns paralelos com a história judaica, concluindo que os ciganos seriam um povo israelita.⁹

Ativistas ciganos de orientação transnacional de associações seculares aprenderam com estudiosos não ciganos a noção de ciganos como um povo de origem indiana, estabelecendo ativos contatos com a Índia e seguindo o modelo tradicional de diáspora. O evangelismo, por sua vez, acrescenta uma nova dimensão a essa noção diaspórica, conforme relata Paloma Gay y Blasco (2002, 184-85): "alguns convertidos olham para

o passado e afirmam que todos os ciganos são judeus que se perderam durante os quarenta anos de exílio no deserto do Sinai [...] e leem a Bíblia em busca de paralelos entre os costumes ciganos e judaicos descritos na Sagrada Escritura".

Na Espanha encontramos diferentes produções diaspóricas provenientes de diferentes setores caló. Sobre as construções realizadas pelas ONGs, Paloma Gay y Blasco (2002, 186) escreve:

Assim, o etnocentrismo radical dos Gitanos é abandonado e os ciganos se tornam uma "minoridade étnica perseguida" que deve ser acomodada dentro das estruturas políticas de uma Europa unificada. A distinção Gitano torna-se "a cultura Gitano" e substitui a clara consciência da superioridade moral Gitano que impulsiona a vida do povo de Jarana e suas formas particulares de resistência ao encapsulamento na população dominante.

O caso do evangelismo é diferente. No ambiente eclesial, rejeita-se a compreensão de si mesmos como uma "minoridade étnica", eles são entendidos como moralmente superiores aos *payos*, algo que mantêm através da identificação de paralelos com a história bíblica (Gay y Blasco 2002). De fato, a Igreja Filadélfia insiste em ver os ciganos como uma das doze tribos perdidas de Israel, o que os torna "*o povo escolhido por Deus*" aos seus olhos.

As ideias viajam por meio das redes e os pastores e missionários são importantes condutores. No Brasil, muitos calons conhecem essas ideias e a noção de diáspora global, principalmente, por meio de pastores e começam a recontextualizar e a reformular a própria identidade de acordo com essas narrativas, apesar de ser ainda algo muito incipiente.

A(s) identidade(s) calon(s)

A primeira questão que se faz de pronto é definir quem são as pessoas que compõem essa parcela da população cigana. Para isso, vamos, após um recorte geográfico, percorrer alguns elementos que indicam o pertencimento inter-

⁹ Há outros autores não religiosos que aproximam judeus e ciganos, enfatizando os paralelos históricos, geralmente relacionados a episódios de expulsão, perseguição e extermínio, como atestados de um destino comum e indícios da origem compartilhada.

no nas comunidades ciganas calon na Espanha e Brasil, recorrendo, eventualmente, a outros países, como a Argentina, para demonstrar situações excepcionais e, por vezes, aparentemente contraditórias.

Elaborado por Popov e Marushiakova (2004), o modelo das características¹⁰ que comporiam o grupo cigano estrutura os aspectos que abordaremos nos próximos parágrafos para apresentar de forma descritiva e em perspectiva comparativa os calós na Espanha, principalmente da região andaluza, e os calons no Brasil, destacando os que vivem no Nordeste do país.

Os ciganos que residem na Espanha, geralmente, limitam suas relações sociais aos laços familiares, embora isso seja algo que mude com as conversões ao evangelismo, assunto que abordaremos mais adiante. As relações sociais fragmentárias entre os ciganos fazem do conceito de "sociedade" uma categoria de incômodo encaixe nas realidades sociais da minoria étnica na Espanha (Gay y Blasco 2002, 178). A organização familiar dos calós espanhóis caracteriza-se pela centralidade do homem que, junto com seus filhos, netos e seus companheiros, comporiam o que Teresa San Román (1997, 94-6) chama de "patrigrupo", a partir de uma redefinição conceitual da obra de Murdock (1949). Os patrigrupos são o centro da sociabilidade fundamental na vida dos ciganos espanhóis¹¹ e as uniões matrimoniais são produzidas, preferencialmente, entre ciganos e ciganas com vínculos familiares.

Se é difícil ter uma contagem exata dos ciganos que residem no território espanhol, também é difícil determinar quantos deles professam o catolicismo ou se converteram ao pentecostalismo. Com base em um relatório publicado em 2011 pelo Centro de Pesquisa Sociológica (CIS), Laparra indica que, aproximadamente, 50% dos ciganos espanhóis seriam atrelados ao evangelismo pentecostal; enquanto aproximadamente

40% seriam católicos (Laparra, 2011). Manuela Cantón-Delgado (2018, 3), por outro lado – e com a ajuda dos líderes da Igreja Evangélica da Filadélfia (a maior organização religiosa liderada e composta quase exclusivamente por ciganos na Espanha) –, lança dados mais cautelosos. Ela sustenta que haveria pelo menos 200 mil ciganos convertidos na Espanha, embora esse número possa ser multiplicado por quatro se levarmos em conta o envolvimento de muitos outros que estão ligados a cultos por meio de relações familiares. Em relação ao uso da língua, caló, no caso dos ciganos espanhóis, reduz-se ao uso de poucas palavras, que servem como veículos de identificação (Gamella et al. 2011). Muitos desses termos também são populares entre a sociedade dominante, muitas vezes, porque transcendem por meio do flamenco.

O flamenco é um estilo musical diverso de origem incerta que foi reconhecido como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco em 2010. Embora concentre o interesse de *payos* e ciganos, sua execução é frequentemente associada a ciganos. A partir do trabalho de campo etnográfico entre ciganos que vivem na Espanha ou em Buenos Aires, era recorrente que os calós apontassem o flamenco como algo propriamente cigano. "O flamenco é dos ciganos" expressou um colaborador durante uma entrevista "e os *payos* não têm escolha a não ser reconhecer que o flamenco pertence aos ciganos", acrescentou (Entrevistado A, com. pess., 4 jul. 2013).¹² Embora os calós saibam que o flamenco é seguido e praticado por *payos*, distinguem sua atuação nas mãos de um *payo* por considerá-lo geralmente inferior. Uma opinião muito difundida entre os calós é que o flamenco é uma prática cuja técnica poderia ser aprendida além das distinções étnicas, mas somente os calós seriam capazes de imprimir nele uma *emotividade* propriamente cigana. A práxis do flamenco também serve

¹⁰ O modelo contém 14 pontos desde o cumprimento das normas internas do grupo, passando por solidariedade mútua até o pertencimento por nascimento. Elaborado pelos autores por meio da experiência com ciganos do leste europeu, utilizaremos como referência para refletir sobre os romanis ibéricos.

¹¹ No entanto, entre os calós espanhóis ou ligados ao mesmo país, algumas exceções devem ser reconhecidas. Em lugares como o bairro do Congresso de Buenos Aires, onde os membros dos patrigrupos interagem sem o limite que o parentesco impõe na Espanha.

¹² Entrevistado A: Adulto do coro da Igreja Filadélfia, Jerez de la Frontera.

aos calós residentes em Buenos Aires para se identificarem como calós de origem espanhola (Pacheco 2009; Jiménez-Royo 2018).

Quanto à organização familiar, há uma figura que se destaca: os "tios", homens adultos em torno dos quais a família se concentra. Desta forma, uma estrutura de autoridade gerontocrática é reconhecida entre os ciganos espanhóis. Os velhos ciganos ou tios são responsáveis por zelar pela conduta moral de seus parentes e mediar potenciais conflitos entre membros de uma mesma família ou de famílias diferentes.

Em relação às formas de identificação da minoria, concordamos com Gay y Blasco (1999), quando, com base em sua etnografia realizada em um bairro de Madrid (Espanha), aponta que os ciganos espanhóis se identificam como tal realizando um comportamento com um forte sentido moral, que os faz distinguir-se positivamente dos *payos*. Mas também é verdade que na teoria nativa das atribuições étnicas entre os calós, a consanguinidade é uma condição fundamental. De fato, algumas perspectivas sobre o ciganismo enfatizam mais a condição de origem do que a de conduta; esses pontos de vista estão envolvidos, por exemplo, na conceituação de etnicidade no associativismo cigano.

Exceto pela perspectiva do associativismo, que é mais relativista de acordo com os pressupostos básicos das ciências sociais, os ciganos geralmente percebem seu próprio comportamento como moralmente superior ao dos não ciganos. As relações que os ciganos mantêm com os *payos* são caracterizadas pela desconfiança e são praticamente inexistentes fora do local de trabalho. Essa desconfiança se expressa em áreas como a educação, onde as crianças calós geralmente não terminam a educação básica, ou a saúde, onde os serviços são, muitas vezes, oferecidos pelo estado.

De acordo com o discurso oficial de ONGs (por exemplo, a Fundación Secretariado Gitano¹³ e a União Romani Internacional¹⁴), os ciganos forma-

riam uma "comunidade" diaspórica. A produção discursiva dos ciganos como grupo homogêneo é essencialista e redutiva. A tentativa de homogeneização responde ao interesse de alguns do associativismo cigano em definir e mobilizar uma identidade comum, o que não é uma prática alheia aos setores políticos (Brubaker 2002, 166; Baumann 2010, 120).

Apesar do protagonismo que esses discursos políticos sobre os ciganos têm em algumas situações, na prática os ciganos de diferentes subgrupos não apenas não se reconhecem totalmente, como às vezes também se desacreditam. No entanto, o descrédito não se produz apenas de forma intergrupala, mas também entre os calós de origem espanhola que disputam o "capital simbólico" (Bourdieu 2008), exigindo para si o ciganismo em sua forma mais autêntica. A pureza reivindicada pelos próprios ciganos baseia-se na moralidade supostamente superior em seu comportamento em relação ao comportamento de seus próprios vizinhos calós. Uma forma fiel de expressar essa competência foi oferecida por um pastor caló do sul da Espanha: "o cigano é diferente. Em cada lugar é de uma maneira diferente, cada realidade é diferente. O que para alguns é moral, para o outro é imoral" (Entrevistado B, com. pess., 9 set. 2015).¹⁵

As conversões religiosas e sua dimensão institucional representada pela Igreja Evangélica da Filadélfia (IEF) – organização religiosa que reúne a participação de cerca de 200 mil ciganos na Espanha –, transformou o cenário social da minoria. A participação em cultos fundamentalmente religiosos, são celebrados em alguns lugares entre cinco e seis vezes por semana ou mesmo diariamente (como é o caso da igreja da Cidade Autônoma de Buenos Aires). Essa frequência, contudo, não é observada em todos os lugares: alguns percebem os calons em regiões do Brasil como mais imediatistas e pouco dispostos a frequentar cultos diários.¹⁶ Em outras atividades promovidas pela igreja possibilitaram a extensão

¹³ Fundación Secretariado Gitano. s.d. Acessado em 9 dez. 2022. https://www.gitanos.org/quienes_somos/mision_estrategia.htmlEs.

¹⁴ Asociación Nacional Unión del pueblo Romani. Unión Romani. s.d. El pueblo gitano. Acessado em 6 fev. 2023. <https://unionromani.org>.

¹⁵ Entrevistado B: Pastor, Buenos Aires.

¹⁶ Autoetnografia e vivências compartilhadas.

de vínculos além do grupo de parentes: além das relações intracongregacionais, as igrejas locais organizam encontros (*reencuentras*) entre igrejas próximas para realizar a celebração do culto coletivo.

A IEF é a maior denominação pentecostal na Espanha e a maior denominação pentecostal composta e liderada por ciganos no mundo (Anderson 2007, 120). Mais de 1.300 espaços de cultos em toda a Espanha são atribuídos a essa organização religiosa, estendendo-se inclusive ao Cone Sul, à cidade de Buenos Aires e à província de mesmo nome, onde estão localizadas, pelo menos, duas igrejas. Apesar da extensão da denominação e sua organização hierárquica, que se alterna com um grau considerável de autonomia das igrejas locais, a organização não funciona como um fundamento para construir e sustentar uma identidade coletiva que indique certo grau de coesão entre seus membros. Em âmbito local, as igrejas funcionam mais como espaços de diferenciação, limitando, por sua vez, o exercício de qualquer poder centralizado (Jiménez-Royo 2018).

As conversões religiosas motivaram novas formas de liderança entre os calós espanhóis e novas compreensões da vida moral, sinais de um processo mais amplo de etnogênese (Cantón-Delgado et al. 2004) e da formação de uma comunidade que ultrapassa os limites nacionais. Os "velhos ciganos de respeito" têm sido complementados por pastores ciganos, geralmente mais jovens que os primeiros, embora não os substituam, e cada vez mais passam por processos de formação nas escolas bíblicas de sua própria denominação. Os pastores mediam potenciais conflitos que podem ocorrer no contexto da igreja, enquanto os 'tios' mantêm sua autoridade em conflitos seculares. Em outras palavras, há uma transferência de autoridade dos antigos ciganos para os pastores (Cantón-Delgado 2017, 2018; Jiménez-Royo 2018).

Por outro lado, as conversões evangélicas têm motivado transformações no sentido moral dos calós pentecostais. Os ciganos não encontram contradições entre o ideal de conduta cristã

evangélica e os comportamentos pelos quais se identificam como ciganos. Ao contrário, os calós percebem correspondências entre os dois ideais de comportamento, que chegam a mobilizar como argumento para apelar à sua origem bíblica e a sua excepcionalidade.

Dentre os ciganos brasileiros, nota-se, em termos gerais, uma grande similaridade com os aspectos centrais da identidade caló, isto é, a consanguinidade e a conduta, expressa muitas vezes pela cultura material e as relações com o mundo externo.

Os costumes e tradições dos ciganos calons brasileiros ainda são de domínio reservado, permanecendo no convívio familiar, uma vez que poucas são as fontes escritas e documentos que verbalizam e revelam essas particularidades culturais. A oralidade é um dos traços culturais mais importantes na defesa de seus valores e, até por isso, durante muitos anos, os saberes imateriais dos calons eram pouco conhecidos devido ao seu caráter ágrafo e ao forte sentimento de vulnerabilidade da comunidade. Dentro desses saberes imateriais, a língua talvez seja o mais importante deles. Por meio dela e da família, os ciganos preservam suas tradições e seus costumes e, neste sentido, não veem com muita simpatia a divulgação de sua língua para os não ciganos. Para muitos, a língua continua sendo um forte instrumento de defesa e de autoafirmação diante da sociedade e, o domínio desta ferramenta por outros os tornariam mais vulneráveis, muito embora com o processo de sedentarização as dificuldades de preservação deste patrimônio pelos mais novos tem sido cada vez maior.

As formas de relacionamento interno das comunidades ciganas calons no Nordeste do Brasil são muito similares, porém, algumas alterações regionais podem acontecer e, por vezes, gerar discussões entre elas sobre qual família está contribuindo de forma direta ou indireta para a erosão da cultura cigana, ao abrir cada vez mais espaço para a entrada do modo de vida das sociedades mais amplas. De um modo geral, as famílias são patriarcais, com algumas exceções, e baseiam-se no respeito aos mais velhos e a

subalternização das mulheres. As relações entre as famílias ainda são estabelecidas por meio do casamento precoce dos filhos, que funcionam como um mecanismo de união de famílias.¹⁷ Na questão religiosa, existe uma conversão ao protestantismo de matriz neopentecostal provocada pela maior presença dessas denominações nas ruas e bairros das cidades, além do acolhimento assistencialista das pastoras e pastores evangélicos e da presença de ciganos missionários, fenômeno recente que tende a acelerar esse processo de conversão religiosa. Os que se mantêm na religião católica, praticam o catolicismo santorial, no qual, segundo Teixeira (2005), é uma das formas mais comuns de catolicismo presente no Brasil, e que vigora desde o período da colonização, cuja característica principal é o culto aos santos.

Em relação à interação com os *jurons* (não ciganos), estas já se estabelecem com muito mais facilidade do que no passado, embora não seja algo corriqueiro e ainda subsistam algumas barreiras de ambos os lados, provocada pelas diferenças culturais e mútua desconfiança. Monteiro, Jacinto e Goldfarb (2017) ilustraram a relação de famílias ciganas, na qual os homens estão na parte mais externa do esquema, pois são considerados os responsáveis pelos contatos iniciais com pessoas externas ao grupo. Assim, os primeiros contatos com as famílias calons são realizados com algum homem cigano ou uma possível liderança do grupo familiar, sendo possível que, no início, outros homens intermediem este diálogo. Na medida em que ocorre uma maior interação baseada na confiança, é possível estabelecer um contato mais próximo com os demais membros do grupo, como mulheres e crianças.

Do ponto de vista religioso, observa-se uma predominância do catolicismo, e, diferentemente das famílias ciganas espanholas que experenciam a cultura religiosa e a organização política evangélica há décadas, o pentecostalismo ainda é relativamente recente entre os calons brasileiros.

Em contraste à Espanha, onde há uma grande estrutura organizada evangélica representada pela Igreja Filadélfia, o evangelismo calon brasileiro se apresenta de forma mais atomizado, com igrejas independentes, ações fragmentadas e, até, igrejas mistas. É um fenômeno mais recente e tem se espalhado, principalmente, por meio das redes familiares e pela ação de pastores, muitas vezes não ciganos.¹⁸

A pluralidade do catolicismo, que permitia que quase todos os estilos de crenças e de fé existentes fora do catolicismo também fossem praticadas, fez com que muitos calons brasileiros se autodeclarassem católicos. Apesar da presença desta Igreja estar registrada na vida dos ciganos aqui no Brasil desde a sua chegada no período colonial, estes foram sendo cativados por outras religiões iniciando um processo de migração para aquelas que os acolhiam.

No que pese a repulsa pelos protestantes em um primeiro momento, fruto da rigidez das diretrizes, de suas ações fantasiosas e por serem avessos a festas, por motivos diversos foram levados a ingressar nestas novas religiões, o que nem sempre é bem aceito pelos outros ciganos (Cruz e Cruz 2019b). Essas doutrinas pentecostais mais rígidas dificultaram o ingresso dos calons por muitos anos, pois incutiam uma ideia de atividade "mundana" em quase tudo que trazia prazer, muitas vezes partes significativas de sua cultura. Porém, a crescente presença de pastores que flexibilizaram essas normas, notadamente os pastores ciganos, fomentou o processo de conversão acelerada dos calons e uma mudança brusca na razão entre católicos e protestantes no cenário brasileiro.

Para além de elementos comparativos, cabe ressaltar a existência de processos de aproximação e quiçá futura consolidação dos grupos separados pelo Atlântico há décadas ou séculos. De elemento unificador dos ciganos espanhóis, o flamenco começa a ser um fator de união dos grupos calons dispersos. Sem vínculo e com pouca consciência de origem ibérica, alguns

¹⁷ O trecho traz informações resultantes de processos autoetnográficos e vivências compartilhadas.

¹⁸ Informações adquiridas por vivências pessoais combinadas com etnografias realizadas de 2010 a 2019.

calons brasileiros aprenderam sobre o ciganismo de matriz ibérica por meio da interação entre diferentes grupos ciganos com os quais passaram a adotar o flamenco como elemento de afirmação identitária ibérica, cuja tendência tem sido reforçada nos últimos anos.

Considerações finais

A identidade calon brasileira não pode ser entendida apenas como derivada da identidade cigana ibérica. A experiência no Brasil começou há quase 500 anos, simultaneamente a alguns países europeus. É um caso muito distinto de outros modelos de diásporas "pátria de origem-país de destino". Ramificados, os grupos se desenvolveram nos dois continentes, mantendo geralmente episódios e isolados contatos, o que torna notáveis as similaridades entre os grupos calons em diferentes contextos, revelando uma forma de absorver a cultura local à "maneira cigana".

A longa distância espaço-temporal não eliminou práticas culturais e valores, possibilitando elementos comuns a todos os calons. Nesse sentido, poderíamos indagar quais desses elementos seriam marcadores da identidade.

Posicionados entre as sociedades não ciganas (contextos nacionais) e os grupos hegemônicos ciganos (contexto do ativismo global), os calons podem ser definidos de acordo com alguns paradigmas que os definem política e espacialmente. Como minorias nacionais, então os calons tendem a variar do isolamento ao agrupamento com outros grupos ciganos; como grupo transnacional distinto, então a perspectiva é de aproximação de reforço da identidade singular no universo cigano com elementos ibero-americanos; pela perspectiva global, o desafio dos ativistas é encontrar uma voz que os coloque em igualdade com os grupos mais numerosos que se consideram mais autênticos, como os roma do leste europeu.

Nos processos de consolidação e segmentação referidos por Marushiakova e Popov (2004), identificamos a incipiente adoção do flamenco por ciganos brasileiros como elemento de aproximação entre os dispersos grupos calon. Em

contraponto à tendência à diferenciação há a busca pelas raízes e consolidação em um único grupo com características transnacionais.

Referências

Anderson, Allan. 2007. *El pentecostalismo. El cristianismo carismático mundial*. Madrid: Akal.

Andrade Júnior, L. 2013. Os ciganos e os processos de exclusão. *Revista Brasileira de História* 33 (66): 95-112. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882013000200006>.

Baumann, Gerd. 2010. *El enigma multicultural: un replanteamiento de las identidades nacionales, étnicas y religiosas*. Barcelona: Paidós.

Bourdieu, Pierre. 2008. *El sentido práctico*. Madrid: Siglo XXI.

Brubaker, Rogers. 2002. Ethnicity without groups. *European Journal of Sociology* 43: 163-89. <https://doi.org/10.1017/S0003975602001066>.

Buhigas Jiménez, Rafael. 2021. Reminiscencia española o sentimiento argentino en los gitanos caló de Buenos Aires. Aproximación etnográfica a la relación entre transformación identitaria y residencia en el espacio. *Etnografías Contemporáneas* 7 (12): 118-32.

Cantón-Delgado, Manuela. 2017. Gypsy leadership, cohesion and social memory in the Evangelical Church of Philadelphia. *Social Compass* 64 (1): 76-91. <https://doi.org/10.1177/0037768616683327>.

Cantón-Delgado, Manuela. 2018. Narrativas del despertar gitano. Innovación religiosa, liderazgos gitanos y políticas de identidad. *Revista Internacional de Sociología* 76 (2): e093. <https://doi.org/10.3989/ris.2018.76.2.16.96>.

Cantón-Delgado, Manuela, Cristina Marcos Montiel, Salvador Medina Baena, e Ignacio Mena Cabezas. 2004. *Gitanos pentecostales: una mirada antropológica a la Iglesia Filadelfia en Andalucía*. Sevilla: Signatura.

Cantón-Delgado, Manuela, e Javier Jiménez-Royo. 2014. Liderazgo, poder y etnicidad en la Iglesia Filadelfia de Jerez de la Frontera (Cádiz): "Dios quiere que nos mudemos a ese templo". *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* 69 (1): 7-27. <https://doi.org/10.3989/rdtp.2014.01.001>.

Cruz, Tarciso, e Juan Cruz. 2019a. *Ciganos calon de Camaçari-Ba: trajetória, história e cultura*. Riga: Ed. Novas Edições Acadêmicas.

Cruz, Jucelino Dantas da, e Tarciso J.M. Dantas da Cruz. 2019b. O catolicismo e a ciganidade brasileira. In *Ciganos: olhares e perspectivas*, organizado por Maria P. L. Goldfarb, Marcos Toyansk, e Luciana O. Chianca, 213-28. João Pessoa: Ed UFPB.

Galletti, Patricia C. 2021. Los Gitanos como otro y como horizonte de otredad em la Hispanoamérica Colonial (S.XV a XIX). *International Journal of Roma Studies* 3 (2): 106-30. <https://doi.org/10.17583/ijrs.8527>.

Gamella, Juan F., Cayetano Fernández, Magdalena Nieto, e Ignasi-Xavier Adiego 2011. La agonía de una lengua. Lo que queda del caló en el habla de los gitanos. Parte I. *Métodos, fuentes y resultados generales*. *Gazeta de Antropología* 27 (2) artigo 29. <https://doi.org/10.30827/Digibug.19109>.

Gay y Blasco, Paloma. 1999. *Gypsies in Madrid: sex, gender and the performance of identity*. Oxford: Berg.

Gay y Blasco, Paloma. 2002. Gypsy/Roma diasporas. A comparative perspective. *Social Anthropology* 10 (2): 173-88. <https://doi.org/10.1111/j.1469-8676.2002.tb00053.x>.

Jiménez-Royo, Javier. 2018. *Los más gitanos del mundo. Transnacionalismo etno-religioso, liderazgo y política en la Iglesia Filadelfia*. Tese em Ciências Económicas, Empresariales y Sociales, Universidade de Sevilla.

Lagunas Arias, David. 2014. Cuestiones de creatividad cultural: notas en torno a los gitanos mexicanos de origen ibérico. *Revista andaluza de antropología* 7: 62-80. <https://doi.org/10.12795/RAA.2014.i07.04>.

Marcus, George E. 2001. Etnografía en/del sistema mundo. *El surgimiento de la etnografía multilocal. Alteridades* 11 (22): 111-27.

Marushiakova, Elena, e Vesselin Popov. 2004. Segmentation vs. consolidation: the example of four Gypsy groups in CIS. *Romani Studies* 5, 14 (2): 145-91. <https://doi.org/10.3828/rs.2004.6>.

Marushiakova, Elena, e Vesselin Popov. 2005. The Roma - a Nation without a State? Historical background and contemporary tendencies. In *Nationalism across the globe: An overview of the nationalism of state-endowed and stateless nations*, organizado por Wojciech Burszta, Tomasz Kamusella e Sebastian Wojciechowski, 433-55. Poznan: School of Humanities and Journalism.

Monteiro, Edilma do N., Maria Jacinto, e Patricia Lopes Goldfarb. 2017. A infância calon: notas sobre o "ser criança" entre os ciganos no Vale do Mamanguape - Paraíba/Brasil. *Fragmentos de cultura* 27: 19-29. <https://doi.org/10.18224/frag.v27i1.5445>.

Pacheco, Julieta. 2009. *Negociando la otredad: los usos permitidos de la diversidad y la estigmatización de la diferencia en el espacio público urbano. Etnografiando los procesos de reelaboración identitaria a través del caso de los gitanos caló de la Ciudad de Buenos Aires*. Tese em Antropologia, Universidad de Buenos Aires.

Sánchez Ortega, María Helena. 1994. Los gitanos españoles desde su salida de la India hasta sus primeros conflictos en la península. *Espacio, Tiempo y Forma* 4 (7): 319-54. <https://doi.org/10.5944/etfiv.7-2.1994.3301>.

San Román, Teresa. 1997. *La diferencia inquietante: viejas y nuevas estrategias culturales de los gitanos*. Madrid: Siglo Veintiuno de España.

Teixeira, Faustino. 2005. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP* 67: 14-23. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i67p14-23>.

Marcos Toyansk Guimarães

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Pesquisador no Centro de Pesquisa e Formação do Serviço Social do Comércio (Sesc) e no Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação da Universidade de São Paulo, ambos em São Paulo, SP, Brasil.

Jucelmo Dantas da Cruz

Doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), em São Paulo, SP, Brasil. Professor na Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), em Feira de Santana, BA, Brasil.

Javier Jiménez-Royo

Doutor em Antropologia Social pela Universidad de Sevilla, em Sevilla, Espanha. Pesquisador de pós-doutorado no El Colegio de la Frontera Norte (El Colef), em Tijuana, Baja California, México.

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.